

# ASSEMBLEIAS DE DEUS BRASILEIRAS, ÁFRICA DO SUL E A COMEMORAÇÃO DE 50 ANOS DO *LAUSANNE MOVIMENT* – O QUE ELES TÊM EM COMUM?

## BRAZILIAN ASSEMBLIES OF GOD, SOUTH AFRICA AND THE 50TH ANNIVERSARY CELEBRATION OF THE LAUSANNE MOVEMENT – WHAT DO THEY HAVE IN COMMON?

Jonas José de Oliveira Maria<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de analisar a relação das Assembleias de Deus no Brasil, na África do Sul e o *Lausanne Moviment*, que comemorou 50 anos de atuação em 2024. A compreensão do chamado Pacto de Lausanne, documento escrito em 1974 e que se tornou um marco para a evangelização e missões mundiais pode ser observado para ver se há relação com as doutrinas apresentadas pelo movimento pentecostal brasileiro e sul-africano. As Assembleias de Deus brasileiras participaram do primeiro encontro e em encontros posteriores, mas, se ausentaram dos congressos em anos seguintes, sem se distanciarem dos conceitos de Lausanne. A África do Sul também participou ativamente e recebeu, em 2010, líderes de igrejas de todo o mundo para a Conferência Anual em Cape Town. Este artigo também analisará os temas específicos da soteriologia, eclesiologia e missiologia, pontuando os pontos de vista do pentecostalismo brasileiro e sul africano, em contraponto com os princípios de *Lausanne Moviment*.

### PALAVRAS-CHAVE

Assembleias de Deus; Pacto de Lausanne; Brasil; África do Sul; Pentecostalismo

### ABSTRACT

This article aims to analyze the relationship between the Assemblies of God in Brazil, South Africa, and the Lausanne Movement, which celebrated 50 years of activity in 2024. The understanding of the so-called Lausanne Covenant, a document written in 1974 that became a landmark for evangelization and world missions, can be observed to see if there is a relationship with the doctrines presented by the Brazilian and South African Pentecostal movements. The Brazilian Assemblies of God participated in the first meeting and in subsequent meetings, but were absent from the congresses in subsequent years, without distancing themselves from the concepts of Lausanne. South Africa also participated actively and received, in 2010, church leaders from around the world for the Annual Conference in Cape Town. This article will also analyze the specific themes of soteriology, ecclesiology, and missiology, highlighting the points of view of Brazilian and South African Pentecostalism, in contrast with the principles of the Lausanne Movement.

### KEYWORDS

*Assemblies of God; Lausanne Covenant; Brazil; South Africa; Pentecostalism*

---

<sup>1</sup> Jonas José de Oliveira Maria é Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Atualmente está fazendo seu Pós-Doutorado na Stellenbosch University, na África do Sul, sob supervisão do Dr. Rudolf von Sinner e orientação do Dr. Robert Vosloo. E-mail: pastorjonasjose@hotmail.com.

## Introdução<sup>2</sup>

Entre os dias 22 a 28 de setembro de 2024, o *Lausanne Movement* realizou o Congresso sobre evangelização mundial, na cidade Seoul, na Coreia do Sul, a fim de refletir sobre a expansão do evangelho por parte de cada cristão, o fortalecimento das igrejas e da liderança e o impacto do reino de Deus para a sociedade atual. O evento também comemorou os 50 anos de movimento de Lausanne (1974-2024). A primeira reunião aconteceu na Suíça, na cidade de Lausanne, sob a liderança do evangelista Billy Graham, reunindo 2.500 líderes de 250 países do mundo. Desde então, diversos eventos vêm sendo realizados ao redor do mundo.<sup>3</sup>

Entretanto, o que o congresso do *Lausanne Movement* e as Assembleias de Deus no Brasil e a África do Sul podem ter em comum? Qual a relação entre eles? E quais as lições que têm a ensinar? São respostas para estas questões que este artigo objetiva refletir, não no sentido de esgotar um tema tão vasto e já discutido por diversos autores<sup>4</sup>. No entanto, a pesquisa na área de pentecostalismo e o *Lausanne Movement*, pode ser útil para estudantes e pesquisadores na área do pentecostalismo, diálogo inter-religioso e o *Lausanne Movement*.<sup>5</sup>

### ADs brasileiras – Elas (dis) concordam com *Lausanne Movement*?

O escritor René Padilla considera o 1º Congresso Internacional de Evangelização Mundial, realizado em Lausanne, na Suíça, em julho de 1974, “como um dos eventos eclesiais mais significativos do século 20”<sup>6</sup>, e, portanto, o núcleo do início e desenvolvimento do que é chamado de Teologia da Missão Integral (TMI).<sup>7</sup> Aproximadamente

---

<sup>2</sup> Este artigo acadêmico foi produzido no âmbito do Projeto de Cooperação Internacional “Teologia e Identidade no Sul Global: Cor, Cultura e Conceitos”, com o generoso apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob o processo nº 442607/2023-7. Sou profundamente grato por participar desse projeto como bolsista para realizar minhas pesquisas acadêmicas de pós-doutorado durante o ano de 2025 na Faculdade de Teologia da Universidade de Stellenbosch. Estendo meus agradecimentos ao professor Dr. Rudolf von Sinner por seu integral apoio.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://lausanne.org/news-releases/seoul-2024-announcement>. Acesso em: 10.01.2025.

<sup>4</sup> Veja: Aquino, Rodrigo Bibo. *Missão integral em poucas palavras*. Joinville: BTBooks, 2013. E-Book disponível originalmente em [www.bibotalk.com.br](http://www.bibotalk.com.br); Cavalcanti, Robinson. *A teologia da missão da igreja no Brasil*. In: Padilla, René, Couto, Péricles. *Igreja: Agente de transformação*. Curitiba: Missão Aliança, 2011; Padilla, C. René. *Missão Integral – O reino de Deus e a igreja*. Viçosa: Editora Ultimato, 2014.

<sup>5</sup> Enquanto escrevo este artigo, estou realizando minhas pesquisas de pós-doutorado em teologia na Stellenbosch University, na África do Sul. As impressões a partir do continente africano fortaleceram e motivaram meu interesse pelo tema em questão.

<sup>6</sup> Padilla, 2014, p. 15.

<sup>7</sup> De modo abrangente, entende-se que a Teologia da Missão Integral surgiu com o anseio de produzir uma teologia contextualizada para a América Latina, com foco nas questões sociais, o que se desenvolveu desde os anos sessenta, por meio de congressos de evangelização e seminários (FTL, CLADE, LAUSANNE), e que propõe aos cristãos a integralidade da missão, aquela que não apenas se preocupa com a salvação da alma, mas com o despertar da consciência social do evangelicalismo mundial, mais precisamente na América Latina, na luta contra a

2.500 participantes de 250 países e 135 denominações marcaram presença nesse conclave que ficou conhecido como “Pacto de Lausanne”<sup>8</sup>, que “desenhou a forma do fazer evangelização no Ocidente, e também na América Latina”.<sup>9</sup> Antes de 1974, ocasião do congresso de evangelização em Lausanne, embriões nasciam sob congressos de reflexão teológica e práticas do trabalho social, a exemplo do Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE)<sup>10</sup>, realizado pela primeira vez em Bogotá, na Colômbia, em 1969.<sup>11</sup>

Entre a realização do 1º CLADE, em 1969, e o 1º Congresso em Lausanne, em 1974, identifica-se o surgimento da Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL), em 1970, como a constituição “de um lugar de encontro de pessoas que reconheciam a importância da reflexão teológica, não como fim em si, mas em função da Missão Integral da Igreja”.<sup>12</sup> Destes eventos, conceituou-se o termo Missão Integral (MI). Padilla define o termo:

Um conceito mais bíblico da missão sugere que a evangelização genuína é inseparável da responsabilidade e que a ação social cristã é inseparável da evangelização [...] A missão é cristã na medida em que se orienta para a plena satisfação das necessidades humanas básicas, tanto espirituais como psicológicas, físicas e materiais, tanto pessoais como sociais, tanto privadas como públicas.<sup>13</sup>

Mas, e as ADs<sup>14</sup>? Participaram do *Pacto de Lausanne*? Se comprometeram com seus objetivos? Ainda mantém suas reflexões no campo teórico e práticos de sua membresia? Qual a relação entre o Pacto de Lausanne e as ADs brasileiras? Para responder essa questão é preciso frisar que as ADs, por meio de seus representantes, participaram ativamente da reunião na cidade de Lausanne, na Suíça, em 1974. Classificado como um marco para a evangelização e missões mundiais, o congresso em Lausanne “foi considerado um dos mais importantes encontros internacionais da história da igreja”.<sup>15</sup> Desse conclave, saiu o documento, o “Pacto

---

desigualdade social, injustiça e pobreza. Para mais informações, veja: Maria, Jonas José de Oliveira. *Análise da tradição história pentecostal e seu desenvolvimento dentro das Assembleias de Deus do Brasil: uma proposta de aproximação da liderança servidora de Jesus*. Dissertação de Mestrado em Teologia. Orientador: Antonio Renato Gusso. Faculdades Batista do Paraná. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5840462](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5840462). Acesso em: 10.01.2025.

<sup>8</sup> O Pacto de Lausanne reúne 15 pontos que foram escritos pelos participantes do congresso, cujos temas vão desde as questões teóricas da teologia (Teologia, Cristologia, Bibliologia) até a evangelização e a responsabilidade social. O material está disponível em português em: <https://www.lausanne.org/pt-br>. Acesso em: 04.12.2016.

<sup>9</sup> Aquino, 2013, p. 5.

<sup>10</sup> A partir daqui usará a sigla CLADE ao se referir ao Congresso Latino-Americano de Evangelização.

<sup>11</sup> Padilla, 2014, p. 17.

<sup>12</sup> Padilla, 2014, p. 18. Percebe-se que a FTL, a Rede Miquéias, comunidade global de cristãos comprometidos com a MI e o Movimento de Lausanne são a plataforma para o desenvolvimento da Missão Integral na América Latina. Para saber mais sobre a Rede Miquéias, página disponível em: <http://www.micahnetwork.org/pt-br>. Acesso em: 13.02.2025.

<sup>13</sup> Padilla, 2014, p. 26.

<sup>14</sup> Sigla para “Assembleias de Deus” que poderá ser utilizado a partir daqui.

<sup>15</sup> Cavalcanti, 2011, p. 29.

de Lausanne”, editado pelos participantes, tendo como condutor da comissão de redação o pastor John Stott.<sup>16</sup>

Na primeira reunião do *Lausanne Movement*, o Brasil esteve presente através de diversos líderes religiosos, sob a liderança do pastor batista Nilson do Amaral Fanini<sup>17</sup>. As ADs foram representadas pelos pastores Lawrence Olson<sup>18</sup> e Alcebíades Pereira Vasconcelos.<sup>19</sup> Olson foi um iminente líder das ADs brasileiras. De origem norte-americana, ele foi o fundador do Instituto Bíblico Pentecostal (IBP) no Rio de Janeiro, em 1961. Ele chegou no Brasil em 1938 e foi um dos fundadores das ADs no estado de Minas Gerais.<sup>20</sup> Já Alcebíades Vasconcelos foi “pastor, missionário, teólogo, escritor, jornalista e articulista dos periódicos da CPAD, além de exercer o cargo de presidente da CGADB em 1987”.<sup>21</sup> Registros de eventos posteriores a Lausanne, constam o nome do pastor assembleiano Tulio de Barros, como um dos membros do Comitê, a exemplo da reunião na Cidade do México, um ano depois, em janeiro de 1975.<sup>22</sup>

Vale ressaltar ainda os fatos que marcaram o ano de 1974 para as ADs brasileiras. Afinal, foi nesse ano que, pela primeira vez, o evangelista americano Billy Graham esteve no Brasil para a realização de sua cruzada evangelística.<sup>23</sup> Também nesse ano, uma comitiva de pastores das ADs brasileiras foi para a Coréia de Sul, participar da 10ª Conferência Mundial Pentecostal, sob a liderança do pastor Lawrence Olson.<sup>24</sup> No mesmo ano, as ADs iniciaram o CAPED – Curso de Aperfeiçoamento de Professores da Escola Dominical. O curso foi ministrado na AD em São Cristóvão (RJ) sob a liderança do pastor Antonio Gilberto. Depois desta data, o evento se espalhou por todas as igrejas do Brasil.<sup>25</sup> Em setembro de 1974, o jornal publicou o falecimento do pastor Lewi Pethrus, que participou ativamente da fundação das ADs brasileiras.<sup>26</sup>

---

<sup>16</sup> Padilla, 2014, p. 19.

<sup>17</sup> No documento de Lausanne realizado em janeiro de 1975, na cidade do México, consta o nome do pastor Fanini como membro do Comitê Executivo para a América Latina. Disponível em: <http://www2.wheaton.edu/bgc/archives/docs/Lausanne/704/min14.htm>. Acesso em: 13.04.2017.

<sup>18</sup> Pastor Olson foi um missionário norte americano que veio ao Brasil em 1938; ele foi um dos fundadores das ADs no Estado de Minas Gerais (Conde, 2000, p. 228).

<sup>19</sup> Cavalcanti, 2011, p. 29. A participação do pastor Alcebíades tem o seu registro no livro das comemorações dos setenta anos da editora CPAD em: *Históricos Assembleia de Deus: História da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (1940-2010)*. Pesquisa histórica de textos: Isael de Araújo. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 113.

<sup>20</sup> Conde, Emilio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. 6.ª ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

<sup>21</sup> Maria, Jonas José de Oliveira Maria. Assembleia de Deus e sua atuação no espaço público: política, ação social e ecologia entre 2003 e 2022. *Tese de Doutorado*. Orientador: Dr. Rudolf von Sinner. PUC-PR. Disponível em: <https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/373154>. Acesso em: 10.01.2025.

<sup>22</sup> Disponível em: <http://www2.wheaton.edu/bgc/archives/docs/Lausanne/704/min15.htm>. Acesso em: 13.04.2017. Túlio Barros foi presidente da CGADB por cinco mandatos.

<sup>23</sup> Jornal Mensageiro da Paz, ano 44, n. 7, 1974, p. 11.

<sup>24</sup> Jornal Mensageiro da Paz, ano 44, n. 3, 1974, p. 5.

<sup>25</sup> Jornal Mensageiro da Paz, ano 44, n. 10, 1974, p. 16.

<sup>26</sup> Jornal Mensageiro da Paz, ano 44, n. 11, 1974, p. 1.

Entretanto, não é apenas a participação de líderes assembleianos no congresso que possibilita a análise de aproximação entre líderes das ADs e Lausanne. “O Pacto de Lausanne foi primeiramente editado pela CPAD, das Assembleias de Deus”.<sup>27</sup> Além disso, não foram somente os pastores John Stott e Billy Graham que atuaram de modo significativo para a redação do texto em Lausanne, mas os líderes da TMI, entre eles, René Padilla, que teve contribuição notória e decisiva na elaboração do pacto.<sup>28</sup> “A influência do espírito de Lausanne chegou ao Brasil em 1983 no primeiro Congresso Brasileiro de Evangelização (CBE-83)”.<sup>29</sup> Cavalcanti afirma que “coube a ABU, à FTL, à Visão Mundial, à Vinde, e à Revista Ultimato, a disseminação do Espírito de Lausanne”.<sup>30</sup>

Ainda sobre a relação das ADs e TMI, o assembleiano Altair Germano, em seu blog, fala das contribuições do Pacto de Lausanne que, “além de reafirmar alguns fundamentos e convicções teológicas, foi também considerado como um chamado à igreja para a reflexão e prática evangelística”.<sup>31</sup> Mas, ele faz críticas aos líderes da TMI no Brasil e na América Latina, sobre sua proximidade com a Teologia da Libertação (TeL) e com o marxismo.<sup>32</sup> Altair critica a infiltração e influência no meio pentecostal, em referência, por exemplo, a uma aula magna que seria ministrada por René Padilla na Faculdade Evangélica, ligada à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), no dia 10 de março de 2017. Depois de debates e pedidos de vários líderes ligados as ADs, a aula foi cancelada.<sup>33</sup>

---

<sup>27</sup> Cavalcanti, 2011, p. 29.

<sup>28</sup> Aquino, 2013, p. 23.

<sup>29</sup> Aquino, 2013, p. 8. Esse congresso aconteceu em Belo Horizonte. O segundo congresso foi realizado vinte anos depois, em 2003, na mesma cidade. Disponível em: <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/286/cbe-2>. Acesso em: 13.04.2017.

<sup>30</sup> Cavalcanti, 2011, p. 29. A ABU é a Aliança Bíblica Universitária. A Visão Mundial e Vinde são organizações não governamentais.

<sup>31</sup> Disponível em: <http://www.altairgermano.net/search?updated-max=2017-03-16T06:05:00-03:00&max-results=10>. Acesso em: 10.04.2017.

<sup>32</sup> Altair Germano faz referência ao pastor Ariovaldo Ramos que, em um vídeo na internet fala que utiliza os óculos de cunho marxista para falar da TMI: "Que óculos a TMI vai usar? (...) Eu uso os óculos das ciências sociais. (...) bem naquela cara do Carl Max. (...) no restante ela tem de usar a categoria da luta de classes (...). Ela tem que admitir que tem uma guerra no mundo entre classes (...). A posição de Deus é pela abolição das classes (...)." Disponível em: [https://m.youtube.com/watch?v=EC7onU\\_jSWA&feature=youtu.be](https://m.youtube.com/watch?v=EC7onU_jSWA&feature=youtu.be). Acesso em: 10.04.2017.

<sup>33</sup> Em sua página do Facebook, Wellington Pereira da Silva fala do cancelamento da aula com René Padilla: Disponível em: [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=10210157499186354&id=1004888961](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=10210157499186354&id=1004888961). Acesso em: 10.04.2017.

## **ADs brasileiras, *Lausanne Moviment* e Teologia da Missão Integral**

Os críticos do posicionamento das ADs em relação à TMI, reafirmam o papel missiológico da missão integral no Brasil e na América Latina. Aquino afirma que a TMI tem como objetivo “enxergar a missão da igreja dentro de um modelo mais bíblico, diferenciando-se assim, do modelo tradicional de missão instalado nos círculos evangélicos”.<sup>34</sup> O escritor faz um paralelo que chama de “modelo tradicional de missão” e o “modelo da missão integral”. O primeiro modelo, segundo ele, tem o intuito em levar o evangelho do mundo ocidental para o restante da terra, reduzindo a missão da igreja em ganhar pessoas para Jesus e plantar igrejas. Já o segundo modelo, da MI, “o fator geográfico torna-se secundário”, e “o objetivo da igreja não é crescimento numérico [...], mas ser um sinal histórico desse reino, que tem como emblema o amor e a justiça”.<sup>35</sup>

Entre reflexões e debates de teólogos assembleianos e adeptos da TMI, algumas questões de cunho argumentativo podem ser feitas: A liderança das ADs pode aproveitar alguns fundamentos e convicções teológicas do “Pacto de Lausanne” para reafirmar seu compromisso missiológico com o mundo atual? É possível para aqueles que estão no comando das ADs brasileiras, bem como os membros, pensarem na responsabilidade social da igreja e do chamado à reflexão e prática evangelística, a partir dos conceitos da TMI? Os adeptos da TMI estão interessados em pensar a eclesiologia e a missiologia sob a égide do fervor e da intensidade do Movimento Pentecostal? A teologia da missão integral e a teologia do pentecostalismo clássico têm algo para repartir teologicamente? São questões relevantes para serem desenvolvidas e que serão analisadas. Contudo, é basilar demonstrar o alicerce teológico da missão integral. Há realmente relação entre a missão integral e a teologia da libertação? O que pensam as ADs e os adeptos da MI sobre salvação, sobre a igreja e as missões mundiais?

### **A teologia da missão integral face as ADs**

A missão integral formula um escopo teológico que vincula evangelização e ação social. A ideologia da MI nasceu dentro de igrejas evangélicas, mas ela é criticada por alguns<sup>36</sup>, por conta de não divergir totalmente com a ideologia que surgiu da igreja Católica, a teologia

---

<sup>34</sup> Aquino, 2013, p. 6.

<sup>35</sup> Aquino, 2013, p. 12.

<sup>36</sup> O escritor presbiteriano Augustos Nicodemos e o assembleiano Altair Germano são alguns desses que afirmam haver vinculação da MI com TdL. Entretanto, outros como Ariovaldo Ramos, Valdir Steuernagel e Ed René Kivitz descartam essa possibilidade.

da libertação (TdL). A TdL surgiu por meio da publicação do livro *Teologia da Libertação*, do padre peruano Gustavo Gutierrez.<sup>37</sup> Os principais expoentes dessa teologia são: Leonardo Boff (Brasil), Jon Sobrinho (El Salvador), Leônidas Proaño (Equador) e Juan Luis Segundo (Uruguai).<sup>38</sup> E, ao comparar ambas as teologias surge a pergunta: O que a teologia da libertação e a missão integral têm em comum? A escritora Regina Sanches propõe, apesar de ambas obterem unidade histórica e territorial, que são distintas teologicamente:

A Teologia da Missão Integral é uma teologia distinta da Teologia da Libertação. Ela se organiza a partir de uma tradição cristã diferente, portanto, possui também um outro percurso histórico. Porém ela possui alguns aspectos comuns à Teologia da Libertação. O principal deles é o convulsionado contexto sócio-histórico da América Latina. As duas compartilham da mesma situação histórica e são originadas nela; também possuem representações contextualizadas no terceiro mundo e visam a transformação da realidade sócio-cultural a partir de uma nova práxis eclesial.<sup>39</sup>

A autora ainda pontua que o solo latino americano com suas dificuldades e seus desafios sociais e culturais é o terreno onde ambas atuam, mas, seus pressupostos e cosmovisões são diferentes entre si. Essa afirmação é defendida por grande parte dos estudiosos da teologia da MI que reafirmam que não há nada que se possa entrelaçar a teologia da libertação e da MI, principalmente quando se analisa a soteriologia e eclesiologia de ambas, com exceção de que nasceram sob a base da preocupação com a realidade latino-americana na questão da pobreza, da opressão e da má distribuição de renda.<sup>40</sup>

Mas, e as ADs? Compactam da visão social da TMI? Sob o ponto de vista que a MI foi implantada sob a égide da preocupação com a pobreza e injustiça social, percebe-se que essa proposta sempre foi defendida pelas Assembleias de Deus. Isso pode ser exemplificado na localização da construção dos templos. Enquanto outras denominações evangélicas procuram os centros urbanos e os pontos estratégicos para estabelecer um trabalho<sup>41</sup>, as ADs têm igrejas em grandes e pequenas cidades, em metrópoles e em fazendas, em locais turísticos e nos mais longínquos rincões do Brasil.<sup>42</sup> Sua proposta de não ser elitizada fez com que se identificasse com a população brasileira. Ainda nessa linha, Germano defende que:

---

<sup>37</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia\\_da\\_Liberta%C3%A7%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia_da_Liberta%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 05.12.2016.

<sup>38</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia\\_da\\_Liberta%C3%A7%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia_da_Liberta%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 05.12.2016.

<sup>39</sup> Sanches, Regina de Cássia Fernandes. Uma nova maneira de fazer teologia – Análise dos aspectos históricos e formais da teologia latino-americana com o auxílio de Orlando Henrique Costas. *Dissertação de Mestrado*. Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/160915-m8s36N6YvXd3K.pdf> – Acesso em: 02.12.2016.

<sup>40</sup> O pastor Ed René Kivitz fala sobre o tema. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7muuwms38r0>. Acesso em: 19.01.2017.

<sup>41</sup> Almeida exemplifica os templos da Igreja Universal do Reino de Deus, ao afirmar que tem uma “estratégia espacial”. (Almeida, 2009, p. 56).

<sup>42</sup> As ADs sempre se caracterizaram pela descentralização, com templos em quase todas as cidades do Brasil, independentemente do seu tamanho ou população. Mas, Gedeon Alencar faz uma crítica, quando afirma que após

As igrejas evangélicas de forma geral, além da evangelização, quando não possuem, apoiam creches, orfanatos, abrigos de idosos, escolas, faculdades, hospitais, casas de recuperação, distribuição de roupas, de alimentos e de outros produtos básicos, visitam os enfermos e encarcerados, socorrem os órfãos e as viúvas, fazem atendimentos médicos e mobilizações sociais das mais diversas [...] Penso que o problema não está em nossa teologia (ortodoxia), mas em nossa prática (ortopraxia) [...] Não precisamos criar ou seguir nada novo. Precisamos apenas despertar para a necessidade de fazer mais, e fazer melhor ao nosso próximo, para a glória de Deus.<sup>43</sup>

O escritor Clayton Cabral Pommerening mostra, no entanto, que, se por um lado, “o pentecostalismo não pode reduzir a ação do Espírito Santo sob pena de triar o próprio movimento”,<sup>44</sup> por outro lado, “Não pode hipervalorizar os dons carismáticos em detrimento da amplidão do agir do Espírito”.<sup>45</sup> Ele propõe que a escatologia<sup>46</sup> esteja de mãos dadas com a missiologia. Em outras palavras, esperar o retorno de Jesus significa pregar o Evangelho, praticar o assistencialismo e fazer opção a favor dos pobres.

Viver segundo o Espírito não é apenas receber sua ajuda para ter uma vida confortável, mas é também fazer opção a favor dos pobres, permitindo-lhes acesso a bens básicos de consumo, ao trabalho, à renda, à moradia, segurança e educação. E ainda, promover a liberdade, a justiça social, viver a essência do amor a qualquer custo, cuidar da natureza, permitir abençoar e ampliar a comunhão cristã com o exercício dos dons e receber sua inspiração para a criatividade e para as artes.<sup>47</sup>

O autor afirma ainda que “Uma das áreas deficientes do pentecostalismo é a falta de uma visão holística do agir do Espírito”.<sup>48</sup> Ele lembra que a escatologia pentecostal negligencia o cuidado com a natureza e o meio ambiente, por exemplo, já que a igreja aguarda a iminente volta de Cristo.<sup>49</sup> Essa espera pelo retorno de Jesus pode tornar ineficiente a participação das ADs<sup>50</sup> nas questões políticas e sociais, bandeira que a MI levanta em seu escopo teológico.

---

a década de 1980, especialmente as sedes das ADs, onde o templo “é rico, majestoso, com uma boa infraestrutura...”. (Alencar, 2013, p. 256).

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/missaointegralbiblica/posts/635786253289609:0>. Acesso em: 04.10.2017.

<sup>44</sup> Pommerening, 2016, p. 10.

<sup>45</sup> Pommerening, 2016, p. 10.

<sup>46</sup> Escatologia é um termo de origem grega e significa “Estudo ou tratado sobre as últimas coisas”.

<sup>47</sup> Pommerening, 2016, p. 10.

<sup>48</sup> Pommerening, 2016, p. 12.

<sup>49</sup> A doutrina da volta de Jesus Cristo para buscar a igreja é um tema aceito pela grande maioria das igrejas evangélicas, com pontos divergentes em questões ligadas à Grande Tribulação (Para um estudo sobre as diversas visões dos teólogos sobre o tema: Zibordi, 2008, p. 510 a 524: In: *Teologia Sistemática Pentecostal*, CPAD).

<sup>50</sup> Não se pode generalizar que todas as Assembleias de Deus no Brasil não participam da vida política e social. A Bancada Evangélica no Parlamento, por exemplo, é composta por 87 parlamentares, sendo 85 deputados federais e 2 senadores. Disponível em: <http://www.metodista.br/midiareligiaopolitica/index.php/composicao-bancada-evangelica/>. Acesso em: 04.10.2017. As ADs no Brasil tiveram 47 parlamentares eleitos para o pleito 2015-2018, sendo 24 deputados federais e 23 deputados estaduais. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/universo-cristao/24595/assembleia-de-deus-elege-23-deputados-federais-.html>. Acesso em: 04.10.2017.

## África do Sul e *Lausanne Moviment*

Como já dito na introdução deste artigo, a conferência do *Lausanne Moviment* de 2024 aconteceu na Coreia do Sul, na cidade de Seoul. De acordo com o *site* do *Lausanne Moviment*, diversos participantes do continente africano participaram da conferência. Dentre eles, Sophia Roman, membro das Assembleias de Deus na África do Sul.<sup>51</sup> De acordo com Roman, participar da conferência lhe deu um senso de impulso missionário ainda mais forte. Além disso, Roman afirmou que, ao retornar para a África do Sul, se reuniu com líderes de sua igreja local, de seu estado e também lideranças cristãs das ADs do país para refletir sobre as impressões recebidas através da conferência em Seoul. “Quando eu falei com os líderes da África do Sul sobre os reflexos de Lausanne, percebi que o Espírito Santo os guiou para vencerem as barreiras que impedem a evangelização e eles foram impactados a cumprir a Grande Comissão”.<sup>52</sup>

Entretanto, a relação da África do Sul com o *Lausanne Moviment* não se restringe à participação de líderes sul-africanos na conferência da Coreia do Sul em 2024. Em outubro de 2010, o congresso aconteceu na África do Sul. Segundo o *site*, o evento reuniu líderes cristãos de 198 países que chegaram na Cidade do Cabo.<sup>53</sup> O reverendo Henry Luke Orombi, arcebispo da Igreja de Uganda, informou no congresso que, em 1900, apenas 9% da população da África era cristã. Ou seja, cerca de 10 milhões de pessoas, em uma população de 107 milhões de habitantes. No ano 2000, a porcentagem de cristãos cresceu 46%, perfazendo 360 milhões de cristãos em uma população de 784 milhões de pessoas.<sup>54</sup>

Em 2024, diversos africanos participaram do conclave. Mas, além dos ouvintes, um palestrante africano também discursou. O doutor Kwabena Asamoah-Gyadu, professor da *Trinit Theological Seminary* e líder da igreja Metodista no país africano de Gana. Ele tratou sobre o tema do crescimento do cristianismo no continente africano. Seu tema central focalizou a perspectiva africana a respeito do ministério do Espírito Santo no cristianismo mundial. Asamoah-Gyadu reconheceu que o extenso crescimento do cristianismo no continente africano é uma obra do Espírito Santo.<sup>55</sup> Ele ainda citou exemplos reais de mega igrejas no Congo e na

---

<sup>51</sup> Disponível em: <https://lausanne.org/about/blog/god-on-the-move-in-south-africa>. Acesso em: 22.01.25. Além de Sophia Roman, o site também publicou uma entrevista com Louie Naidoo, professor do South African Theological Seminary (SATS), na África do Sul.

<sup>52</sup> Disponível em: <https://lausanne.org/about/blog/god-on-the-move-in-south-africa>. Acesso em: 22.01.25. Tradução livre.

<sup>53</sup> Disponível em: <https://lausanne.org/cape-town-2010-the-third-lausanne-congress-on-world-evangelization>. Acesso em: 28.01.25.

<sup>54</sup> *Jornal Cape Town 2010: News and Insight from The Third Lausanne Congress on World Evangelization*. p. 1. Disponível em: [https://lausanne.org/wp-content/uploads/2010/12/Portuguese\\_comm.pdf](https://lausanne.org/wp-content/uploads/2010/12/Portuguese_comm.pdf). Acesso em: 28.01.25.

<sup>55</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AIVmJFSAQDs&t=1s>; Acesso em: 22.01.25.

Nigéria e afirmou que desde o livro de Atos dos Apóstolos, na festa de Pentecostes, registrada no capítulo dois, a África esteve presente no movimento mundial cristão. Ele disse: “Nós não romantizamos o crescimento do cristianismo na África, mas, desde a metade do século 20, a experiência vibrante e dinâmica que o nosso continente tem experimentado não pode ser colocada em dúvida”.<sup>56</sup>

Em relação à participação dos assembleianos brasileiros nos eventos de *Lausanne Movement*, como já dito, houve participação efetiva em 1974. Neste mesmo ano, o jornal Mensageiro da Paz publicou na matéria de capa a chegada de missionários das ADs brasileiras na África. A matéria afirmou que as ADs em Madureira (RJ) enviaram o casal Pedro da Paixão e Dagmar Barbosa que se estabeleceram em Gana.<sup>57</sup> Ainda em 1974, o jornal publicou o crescimento da igreja na ilha africana de Madagascar.<sup>58</sup> Em 1975, o jornal tratou sobre a matéria do missionário Kemuel Sotero com sua família em Gana, na África.<sup>59</sup> Em 2010, no Congresso em Cape Town, África do Sul, o jornal Mensageiro da Paz se ateve nas comemorações dos 100 anos da chegada de Gunnar Vingren e Daniel Berg em terras brasileiras. Eles desembarcaram em Belém do Pará no dia 19 de novembro de 1910.<sup>60</sup>

Sobre a participação de assembleianos brasileiros nos congressos, os registros não confirmam a participação de assembleianos brasileiros em Cape Town em 2010, situação bem diferente dos primeiros encontros desde 1974 com a participação de vários pastores, como já registrado acima. Em 2024, a conferência em Seoul também não recebeu pastores das ADs brasileiras. Quem representou o Brasil como palestrante foi Ronaldo Lidório, pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil. Lidório tratou sobre a temática “Proclamação ousada – compartilhando o Evangelho entre as nações”. O pastor Lidório também é escritor de um livro que foi publicado pela editora das ADs, sob o título “Konkombas”, nome de uma tribo indígena em Gana, na África, onde ele e sua família atuaram como missionários. O livro é um relato das experiências vividas por eles no continente africano<sup>61</sup>.

### **A missão integral e as ADs Brasil-África: Uma visão soteriológica, eclesiológica e missiológica<sup>62</sup>**

---

<sup>56</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AIvmJFSAQDs&t=1s>; Acesso em: 22.01.25.

<sup>57</sup> Jornal Mensageiro da Paz, ano 44, n. 3, 1974, p. 13.

<sup>58</sup> Jornal Mensageiro da Paz, ano 44, n. 9, 1974, p. 7.

<sup>59</sup> Jornal Mensageiro da Paz, ano 45, n. 4, 1975, p. 9.

<sup>60</sup> Jornal Mensageiro da Paz, ano 80, n. 1506, nov. 2010, p. 4-5.

<sup>61</sup> Lidório, Ronaldo. *Konkombas – O nascer da igreja em uma tribo africana*. Rio de Janeiro, CPAD, 2008.

<sup>62</sup> Os termos significam: Soteriologia (Doutrina da Salvação); Antropologia (Doutrina do Homem); Eclesiologia (Doutrina da Igreja) e Missiologia (Doutrina de Missões).

Além da visão macro da teologia da MI e das ADs<sup>63</sup>, é vital analisar aspectos mais específicos, sob o ponto de vista de que toda ação cristã emerge do ensino bíblico. Ao menos três temas doutrinários serão analisados, a fim de observar as perspectivas da teologia da MI e dos pontos de vista das ADs. A escolha desses temas se justifica por conta da ênfase que foi dada a eles no documento “Pacto de Lausanne”, além de que resultam, segundo Stott, no engajamento social dos cristãos.<sup>64</sup> Ademais, esses três assuntos também são significativos para as ADs brasileiras. No caso das ADs sul-africanas, este artigo tratará dos registros no *Africa Bible Commentary*, material editado por Tokunboh Adeyemo e prefaciado por John Stott, um dos idealizadores do *Lausanne Movement*, além do livro “O projeto de Deus para a Igreja”, de autoria do pastor Corad Mbewe, líder da Igreja Batista em Lusaka, na Zâmbia.

### Visão soteriológica

A perspectiva sobre a doutrina da salvação diverge entre a MI e as ADs. Na ideologia teológica da MI, a salvação não é apenas pessoal. Na verdade, a redenção pessoal é uma parte daquilo que o NT denomina como salvação. Isso não significa que a centralidade de Jesus e a crença no poder do seu sangue como único meio para salvar o pecador do juízo de Deus não sejam temas centrais da soteriologia da MI.<sup>65</sup> O teórico da MI, René Padilla afirma que “O evangelho de Jesus Cristo é uma mensagem pessoal: revela um Deus que chama cada um dos seus pelo nome”.<sup>66</sup> Entretanto, a lente soteriológica da MI enxerga a salvação com dimensões mais amplas, que abarcam não apenas o indivíduo, mas a sociedade. “A falta de valorização das dimensões mais amplas do evangelho inevitavelmente conduz a uma distorção da missão da igreja”.<sup>67</sup>

Fica claro que a soteriologia das ADs contrapõe essa ideia. “A salvação não é coletiva, e sim individual”, afirma Gilberto.<sup>68</sup> O autor define o termo salvação do seguinte modo: “Salvação é uma milagrosa transformação espiritual, operada na alma e na vida – no caráter – de toda a pessoa que, pela fé, recebe Jesus Cristo como seu único Salvador pessoal”.<sup>69</sup>

---

<sup>63</sup> Por visão macro, refiro-me a análise da produção histórica e teológica de ambas, explicitadas acima.

<sup>64</sup> Stott, J. *John Stott comenta o Pacto de Lausanne: uma exposição e comentário*. São Paulo: ABU, 1984, p. 28. Série Lausanne. Stott utiliza quatro doutrinas que exprimem esse envolvimento do cristão com a ação social: a doutrina de Deus, do homem, da salvação e do reino. No presente trabalho utiliza essas três (salvação, igreja e missão) pelo fato de buscar aproximações e diferenciações entre a teologia da MI e da membresia e liderança das ADs no Brasil.

<sup>65</sup> Padilla, 2014, p. 107.

<sup>66</sup> Padilla, 2014, p. 43.

<sup>67</sup> Padilla, 2014, p. 43.

<sup>68</sup> Gilberto, 2008, p. 333.

<sup>69</sup> Gilberto, 2008, p. 334.

Comparando ambas as visões, vê-se que a soteriologia da MI é composta pelo domínio de Deus sobre todo o universo, a implantação do reino de Deus no ser humano e na natureza, além da ótica coletiva. Enquanto que, a salvação na visão das ADs foca o ser humano, a individualidade e o plano redentor de Deus em cada pessoa.

O conceito soteriológico africano – com base no *African Bible Commentary* - é mais parecido com o conceito assembleiano brasileiro do que da MI. O pesquisador Tokunboh Adeyemo afirmou que “a salvação no cristianismo bíblico é uma oferta gratuita para uma nova vida de alegria, paz, amor e esperança. Alguns aceitam a oferta pela fé, e outros rejeitam. Jesus dá àqueles que aceitam”.<sup>70</sup> Para que alguém se torne filho de Deus, não precisa ter uma raça específica, nem ter feito alguma coisa boa para merecer isso. “É um presente de Deus, criando uma nova natureza naqueles que recebem a Cristo. Eles são nascidos dentro da família de Deus”.<sup>71</sup>

### Visão eclesiológica

Na doutrina da igreja, a teologia da MI entende que Deus não está apenas salvando pessoas individualmente, mas salvando toda a raça humana. Parece ser essa a visão da igreja na ótica da MI, como afirma Michael Goheen, em sua obra *A igreja missional na Bíblia*. O livro que reflete a teologia da MI, afirma que “Eclesiologia tem a ver com a compreensão de nossa identidade, quem somos e por que Deus nos escolheu – a quem pertencemos”.<sup>72</sup> O autor cita três “forças espirituais que moldam a vida pública da cultura ocidental atual: globalização, pós-modernidade e consumismo”.<sup>73</sup> Para ele, quando a igreja é influenciada por essas forças, ela perde seu papel de agenciadora divina na terra: “Quando a igreja assume o papel designado a ela numa cultura de consumo e aceita ser moldada por essa história, ela se torna mera vendedora de bens e serviços religiosos”.<sup>74</sup>

É perceptível que a teologia da MI não desassocia a tarefa da evangelização da obra social, o que está claro no Pacto de Lausanne, berço onde a MI nasceu e se desenvolveu.<sup>75</sup>

---

<sup>70</sup> Adeyemo, 2006, p. 1379.

<sup>71</sup> Adeyemo, 2006, p. 1279.

<sup>72</sup> Goheen, 2014, p. 21.

<sup>73</sup> Goheen, 2014, p. 32.

<sup>74</sup> Goheen, 2014, p. 32.

<sup>75</sup> “... nos arrependemos de nossa negligência e de termos algumas vezes considerado a evangelização e a atividade social mutuamente exclusivas. Embora a reconciliação com o homem não seja reconciliação com Deus, nem a ação social evangelização, nem a libertação política salvação, afirmamos que a evangelização e o envolvimento sócio-político são ambos parte do nosso dever cristão”. Pacto de Lausanne, Item 5: A responsabilidade social cristã. Conteúdo disponível em: [http://www.monergismo.com/textos/credos/Pacto\\_de\\_Lausanne.pdf](http://www.monergismo.com/textos/credos/Pacto_de_Lausanne.pdf). Acesso em: 31.03.17.

Apesar de não divergir com essa afirmativa, a eclesiologia das ADs imprime sua área de atuação em campos específicos, não ligados às questões diretamente de cunho social, conforme relata Couto, definindo o papel da igreja, na ótica do movimento pentecostal:

- 1) Resgatar os pecadores para Cristo.
- 2) Torná-los integralmente compromissados com a causa do evangelho.
- 3) Prepará-los para a sua mudança definitiva para o céu. Nenhuma outra atividade pode ter qualquer primazia em detrimento de tais responsabilidades. Toda ação que ela desenvolve na presente era precisa estar em perfeita sintonia com os termos acima.<sup>76</sup>

Um olhar no ponto três, por exemplo, conclui-se a diferença da ótica eclesiológica de ambas. Enquanto a MI prioriza o exercício missional atrelado ao assistencialismo, as ADs constroem sua base doutrinária na visão de uma igreja que identifica a evangelização a fim de preparar os discípulos de Jesus para o reino celestial, sendo que qualquer outra atividade não pode ser colocada na mesma linha de prioridade. Nesse fio condutor argumentativo, Couto expõe o desequilíbrio entre ambas ideologias: De um lado, aquela que restringe o plano redentor de Deus exclusivamente às questões da alma, e de outro lado, "o chamado evangelho social, em que predomina apenas a preocupação com as injustiças, a pobreza, a opressão e os desequilíbrios sociais, sem que isso seja parte da plena espiritualidade".<sup>77</sup>

Em seu artigo sobre a igreja, o pesquisador africano Samuel Ngewa não fez referências à igreja em seu aspecto social. Para ele, no contexto africano, "a Igreja é a 'tribo de Jesus' – chamada de todas as tribos e nações, mas sem renunciar a estes grupos. No entanto, as vezes pode exigir práticas e crenças que anulam aquelas da tribo terrena...".<sup>78</sup> No entanto, o autor lembra que a igreja foi colocada na terra com a missão de ser o sal da terra e a luz do mundo: "... os crentes são chamados a impedir a decadência moral do mundo... a apontar todas as pessoas para a verdadeira luz. É isso o que a igreja na África e no mundo é chamada a fazer".<sup>79</sup>

Ainda sobre a visão da igreja africana na questão eclesiológica, o material de Conrad Mbewe não apresenta características das atividades públicas da igreja, no sentido do trabalho social, enfatizado pela MI. O livro se parece mais com as normativas assembleianas, ao afirmar que as características distintivas de uma verdadeira igreja é a pregação do Evangelho, a provisão das ordenanças (batismo e Ceia) e a prática da disciplina – ou seja – a disciplina por meio da repreensão pública ou excomunhão.<sup>80</sup>

---

<sup>76</sup> Couto, 2008, p. 390.

<sup>77</sup> Couto, 2008, p. 391.

<sup>78</sup> Ngewa, 2006, p. 1457.

<sup>79</sup> Ngewa, 2006, p. 1457.

<sup>80</sup> Mbewe, 2022, p. 26-28.

## Visão missiológica

Como idealizador da teologia da MI, Padilla define a missão da igreja com a seguinte afirmação: “É a manifestação, ainda que não completa, do reino de Deus tanto por meio da proclamação como por meio da ação e do serviço social”.<sup>81</sup> Em outras palavras, evangelização e ação social são compreendidas como uma só missão.<sup>82</sup> “A evangelização e a responsabilidade social são inseparáveis [...] e devemos mantê-las unidas na missão da igreja, na qual se prolonga a missão de Jesus até o final do tempo”.<sup>83</sup>

Para as ADs, a missão evangelizadora da igreja é a razão pela qual ela foi estabelecida: “Não há como pensar a existência da igreja sem que a missão da evangelização mundial esteja agregada, pois aqui está a razão para que ela tenha sido projetada na mente de Deus e tornada realidade entre os homens”.<sup>84</sup> “A experiência pentecostal é dada aos crentes, tendo o evangelismo como seu principal objetivo”.<sup>85</sup> Com esta visão missiológica, as ADs assumiram uma chave hermenêutica em que os eventos ocorridos em Atos, por exemplo, não constituem apenas em registro histórico, mas em modelo para a igreja de hoje: “A hermenêutica do crente pentecostal típico é direta e simples: as histórias em Atos são minhas histórias – histórias que foram escritas para servir de modelo”.<sup>86</sup> Esta ideia de evangelização e missão revela a visão missiológica das ADs.

Apesar de não associar a evangelização e a ação social no mesmo patamar, como é perceptível na MI, os africanos também questionam o fato de tamanho crescimento numérico das igrejas no continente – através da missão evangelística – mas com pouco impacto na vida da sociedade. Em seu artigo, o pesquisador Lois Semenye afirmou: “Apesar do vasto número de cristãos africanos, das novas igrejas surgindo todos os dias, das reuniões de oração que duram a noite toda... o continente ainda é atormentado por um governo ruim, suborno, assassinatos, golpes, a epidemia da AIDS e assim por diante”.<sup>87</sup>

Outro autor africano, Stephen Adei, que publicou um livro pela CPAD (Seja o líder que a sua família precisa, 2010), tratou sobre o desequilíbrio social na África. “A pobreza é um tema recorrente na Bíblia. É também a experiência de muitos africanos, pois metade dos que

---

<sup>81</sup> Padilla, 2014, p. 217.

<sup>82</sup> Padilla, 2014, p. 221.

<sup>83</sup> Padilla, 2014, p. 221.

<sup>84</sup> Couto, 2008, p. 417.

<sup>85</sup> Menzies, 1995, p. 175.

<sup>86</sup> Menzies, 2016, p. 22.

<sup>87</sup> Semenye, 2006, p. 1506.

vivem na África subsaariana vivem com menos de UU\$ 1,00 por dia”.<sup>88</sup> Ele complementa: “Muitos são pobres porque vivemos em um mundo onde a injustiça e uma ordem econômica distorcida significa que elas não têm acesso à educação”.<sup>89</sup>

## **DIFERENÇAS E COMPLEMENTARIDADE ENTRE AS PERSPECTIVAS ANALISADAS: UMA AVALIAÇÃO CRÍTICA**

Quando se apresentou a exposição da teologia assembleiana brasileira e sul-africanas face à Teologia da Missão Integral, buscou-se as vertentes religiosas com o intuito de mostrar as disparidades, corroborações e similaridades em alguns pontos entre elas. Na comparação dessas três – ADs brasileiras, igrejas sul-africanas Missão Integral – percebeu-se a importância da argumentação comparativa, cujo objetivo é contrastar e avaliar os pontos divergentes e convergentes.

Sob o alicerce de que, abaixo dos discursos e comportamentos existem os conceitos e valores,<sup>90</sup> se faz necessário observar as diferentes cosmovisões.<sup>91</sup> Essas cosmovisões têm as funções de proporcionar às pessoas uma forma mais correta de analisar o mundo à sua volta, prover equilíbrio emocional, integrar as culturas, além de monitorar as mudanças na sociedade.<sup>92</sup> Paul Hiebert, por exemplo, trabalha com as três dimensões da cosmovisão: A cognitiva, relacionada a maneira como vemos a realidade; a afetiva, aquela em que os sentimentos (alegria, tristeza, etc.) são moldados pela cosmovisão; e, a dimensão moral, ou seja, “Os pressupostos avaliadores ou normativos dão origem à ordem social e moral em uma cultura”.<sup>93</sup>

Dentro das perspectivas analisadas neste ponto – ADs, igrejas sul-africanas e missão integral – formula-se que os conceitos e os valores construídos ao longo da história resultaram nos diversos formatos de discursos e modelos de comportamentos. As ADs construíram sua história em pelo menos três momentos no Brasil: Primeiro, como um movimento, onde o foco era a iluminação do carisma (1911-1946); depois, como instituição, onde o objetivo era o

---

<sup>88</sup> Adei, 2006, p. 788.

<sup>89</sup> Adei, 2006, p. 788.

<sup>90</sup> Paul Hiebert desenvolve essa ideia em seu livro *Transformando cosmovisões*, (2016, p. 37-79).

<sup>91</sup> O termo “cosmovisão” é conceituado por Hiebert (2016) como “aquilo que as pessoas, em uma comunidade, presumem como realidade certa, são os mapas que elas têm da realidade e que utilizam para viver”. (p. 19).

<sup>92</sup> Hiebert, 2016, p. 34-36.

<sup>93</sup> Hiebert, 2016, p. 58,69,70.

avanço da tradição (1946-1988) e, por último, como corporação, na luta por poderes (1988-2011).<sup>94</sup>

As igrejas pentecostais sul-africanas, mais especificamente as Assembleias de Deus, foram fundadas por R. M. Turney que foi aceito pelas Assembleias de Deus dos EUA, fundadas naquele país em 1914. Juntamente com Turney, o missionário canadense Charles William Chawner, que chegou na África do Sul em 1907, e, juntos, formaram o primeiro grupo que foi o núcleo das ADs sul-africanas. Na verdade, o país foi formado sob o alicerce pentecostal em três movimentos principais: *The Assemblies of God*, fundadas em 1907, a *Full Gospel Church in South Africa*, fundada em 1910 e a *Apostolic Faith Mission*, fundada em 1913. Por fim, a missão integral, cujo adepto pode ser um líder defensor da TMI e ao mesmo tempo pertencer uma igreja pentecostal ou reformada,<sup>95</sup> o que não se vê no universo assembleiano, cujos membros não são suscetíveis às mudanças teológicas e sociais, como acontece em outros ramos do cristianismo.

Entender as diferenças e complementaridades das ADs brasileiras e sul-africanas em relação a TMI são fatores essenciais para o levantamento de questões reflexivas quanto à teologia, liturgia e rumos do pentecostalismo brasileiro e sul-africano. Além do mais, o exame da teologia da missão integral, seu histórico, sua influência desde Lausanne, sua teologia e as diferenças e aproximações com o movimento pentecostal, possibilitam enxergar as ambiguidades e os desafios de ambas as ideologias.

Estas questões podem ser formuladas, a saber: O que a liderança pentecostal com os adeptos da Missão Integral? As ADs brasileiras e sul-africanas podem enxergar o projeto social sob aspectos da TMI? Se tanto a liderança pentecostal brasileira e sul-africana, quanto os vanguardistas da TMI nasceram no berço da Reforma Protestante, a produção científica de propostas de unidade em torno dos lemas reformistas não seria útil no momento de comemoração dos mais de 500 anos da Reforma (1517-2017) e dos 50 anos do *Lausanne Movement* (1974-2024)? As abordagens teológicas da missão integral que destoam dos ensinamentos do movimento pentecostal dificultam a aproximação de ambas? Há lições que a MI e igrejas reformadas podem ensinar às ADs no Brasil e África do Sul? E as ADs, podem contribuir para influenciar positivamente outros movimentos religiosos?

---

<sup>94</sup> Alencar, 2013, p. 25. Gedeon Freire de Alencar desenvolve essa teoria sobre a liderança assembleiana no Brasil em sua tese de doutorado, na obra *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleia de Deus – 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

<sup>95</sup> Por ser uma chave hermenêutica, ou seja, uma forma de interpretar as Escrituras sob a lente da justiça social, os integrantes da TMI são Inter denominacionais.

Se é possível perceber dificuldades na construção dos questionamentos, mais desafiadoras são as respostas. Por isso mesmo este artigo se baseou em outras bases acadêmicas no início de sua reflexão e também não tem o objetivo de esgotar o tema. Ao contrário disso, a proposta é lançar luz sobre os princípios doutrinários norteadores da teologia pentecostal, seja em solo brasileiro ou sul-africano, levando em conta os princípios que regem o *Lausanne Moviment*, desde seu nascedouro, em 1974. Com isto em mente, é possível fazer as considerações finais de que os líderes pentecostais brasileiros, sul-africanos e os adeptos do *Lausanne Moviment* precisam olhar para Jesus Cristo como o norteador da vida cristã. Isso significa um estudo diligente sobre a pessoa e obra de Jesus Cristo e sua liderança à luz dos Evangelhos, como referência contextualizada às ADs brasileiras e sul-africanas e a *Lausanne Moviment*, além das correções de rumo que podem ser oferecidas através de Jesus Cristo. Ele é o padrão distintivo não apenas para o exercício da liderança, mas, segundo reclama as Escrituras, o salvador do ser humano e o único meio para o ser humano se aproximar de Deus. Esse pode ser um tema para reflexões futuras.

## REFERÊNCIAS

- Adei, Stephen. Wealth and Poverty. In: Adeyemo, Tokunboh (ed.) *African Bible Commentary*. South Africa: Hippo Books, 2006.
- Adeyemo, Tokunboh (ed.) *African Bible Commentary*. South Africa: Hippo Books, 2006.
- Aquino, Rodrigo Bibó. *Missão integral em poucas palavras*. Joinville: BTBooks, 2013. E-Book disponível originalmente em [www.bibotalk.com.br](http://www.bibotalk.com.br).
- Alencar, Gedeon Freire de. *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.
- Almeida, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: Faustino Teixeira e Renata Menezes (Org.). *As religiões no Brasil: Continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- Araújo, Israel. Históricas Assembleia de Deus: *História da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (1940-2010)*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- Cavalcanti, Robinson. A teologia da missão da igreja no Brasil. In: Padilla, René, Couto, Péricles. *Igreja: Agente de transformação*. Curitiba: Missão Aliança, 2011.
- Conde, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. 6ª Edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- Couto, Geremias. Ecclesiologia – A doutrina de Deus. In: *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- Gilberto, Antônio. Soteriologia – A doutrina da salvação. In: *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

Gilberto, Antônio. Pneumatologia – A doutrina do Espírito Santo. In: *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

Goheen, Michael W. *A igreja missional na Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

Hiebert, Paul G. *Transformando Cosmovisões: Uma análise antropológica de como as pessoas mudam*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

*Jornal Cape Town 2010: News and Insight from The Third Lausanne Congress on World Evangelization*. p. 1. Disponível em: [https://lausanne.org/wp-content/uploads/2010/12/Portugese\\_comm.pdf](https://lausanne.org/wp-content/uploads/2010/12/Portugese_comm.pdf). Acesso em: 28.01.25.

Lidório, Ronaldo. *Konkombas – O nascer da igreja em uma tribo africana*. Rio de Janeiro, CPAD, 2008.

Maria, Jonas José de. Análise da tradição história pentecostal e seu desenvolvimento dentro das Assembleias de Deus do Brasil: uma proposta de aproximação da liderança servidora de Jesus. *Dissertação de Mestrado em Teologia*. Orientador: Antonio Renato Gusso. Faculdades Batista do Paraná. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5840462](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5840462). Acesso em: 10.01.2025.

Maria, Jonas José de Oliveira Maria. Assembleia de Deus e sua atuação no espaço público: política, ação social e ecologia entre 2003 e 2022. *Tese de Doutorado*. Orientador: Dr. Rudolf von Sinner. PUC-PR. Disponível em: <https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/373154>. Acesso em: 10.01.2025.

Mbewe, Conrad. *O projeto de Deus para a igreja: um guia para pastores e líderes africanos*. São José dos Campos (SP): Editora Fiel, 2022.

Menzies, William. Horton, Stanley. *Doutrinas Bíblicas – Uma perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995

Menzies, William. *As raízes reformadas do pentecostalismo*. Disponível em: [http://www.aps.edu/aeimages//file/ajps\\_pdf/06-\\_2\\_william\\_w.\\_menzies.pdf](http://www.aps.edu/aeimages//file/ajps_pdf/06-_2_william_w._menzies.pdf). Acesso: 21.01.16.

Ngewa, Samuel. What is the Church? In: Adeyemo, Tokunboh (ed.) *African Bible Commentary*. South Africa: Hippo Books, 2006.

Padilla, C. René. *Missão Integral – O reino de Deus e a igreja*. Viçosa: Editora Ultimato, 2014.

Pommering, Claiton Ivan. Desafios de uma proposta pneumatológica para o pentecostalismo. *Azusa – Revista de Estudos Pentecostais*. Joinville (SC): Volume 7, Número 1, 2016.

Sanches, Regina de Cássia Fernandes. Uma nova maneira de fazer teologia – Análise dos aspectos históricos e formais da teologia latino-americana com o auxílio de Orlando Henrique Costas. *Dissertação de Mestrado*. Belo Horizonte, 2008. Disponível em <http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos160915-m8s36N6YvXd3K.pdf> – Acesso em: 02.12.2016.

Semenye, Lois. Christian Education in Africa. In: Adeyemo, Tokunboh (ed.) *African Bible Commentary*. South África: Hippo Books, 2006.

Stott, J. *John Stott comenta o Pacto de Lausanne: uma exposição e comentário*. São Paulo: ABU, 1984.

Zibordi, Ciro Sanches. Escatologia. In: *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.